

REVISTA FAEB

NÚMERO 1 / ANO 5 - FEV/MAR DE 2023

Artes no Ensino Médio



ae

REVISTA FAEB

ANO 5 - FEV/MAR DE 2023

Publicação da Federação Nacional de Arte/Educadores do Brasil

Comissão Editorial

Juliano Casimiro de C. Sampaio

Sidiney Peterson F. de Lima

Rejane Reckziegel Ledur

Adriana dos Reis Martins

Nélia Lúcia Fonseca

Francione Oliveira Carvalho

Amanda Diniz Gonçalves

Projeto Editorial/ Revisão

Sidiney Peterson F. de Lima

Nélia Lúcia da Fonseca

Amanda Diniz Gonçalves



Índice

Editorial por Juliano Casimiro - 04

Novos contornos para o Ensino de Arte no Instituto Estadual de Ciência e Tecnologia do Maranhão - IEMA: reflexões a partir da gestação do Núcleo de Arte & Cultura do IEMA (NACI).

por Celida Maria Lima Braga - 07

Os Colégios de Aplicação no Brasil: arte, diversidade e resistência
por Frederico Marcelo Crochet - 17

O Novo Ensino Médio “deu ruim” e sua revogação é urgente por
Carla Giane Fonseca do Amaral - 31

ENTREVISTA: O Novo Ensino Médio (NEM) – uma visão a partir da
fala de dois professores da Secretaria de Estado de Educação do
Distrito Federal (SEEDF) por Cleber Cardoso Xavier - 41

“Diálogos FAEB e InSEA/América Latina” POLÍTICAS E CONTEXTOS
DA ARTE/EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA por Francione Oliveira
Carvalho - 49

HOMENAGEM: Fabiana Lima Souto Vidal por Veronica Devens e
Marcus Flávio - 59

FAEB INFORMA - 70

AGENDA - 74

*Uma canção para tentar dizer de Iveta Borges e Rocío
Polania...homenagem da FAEB para estas duas Grandes
arte/educadoras que nos deixaram recentemente - 76*

Editorial

por Juliano Casimiro



Se há uma problemática atual, ainda que não a única, sobre o que precisamos discutir e agir é a necessidade urgente da revogação do Novo Ensino Médio (NEM). E se trata de REVOGAÇÃO e não de revisão ou reformulação. O NEM é parte de uma pauta neoliberal que se estruturou há muito tempo nas políticas públicas para a educação brasileira. Trata-se de um projeto de desqualificação da formação humana para manutenção dos domínios e poderes de elites (econômicas sobre a população de modo geral). É um movimento calculado e bem estruturado de formação de mão de obra barata para a continuidade da exploração capitalista. E por ser uma empreitada de desumanização da experiência de formação, alguns campos de saber precisam ser deslegitimados por meio de discursos e práticas que sustentam equivocadas noções de senso comum em relação ao trabalho, renda e condições de vida; como se a formação técnica pudesse, e até devesse, ser apartada da formação integral humana.

Nesse sentido, os ataques aos tempos, espaços e currículos das artes na educação básica são cada vez mais intensos e menos camuflados. Assumem novas formas, situações e contextos, nunca, de fato, erradicados, tais como a inaceitável presença da polivalência no ensino de Arte, docentes sem formação em arte ministrando o componente curricular arte, diminuição ou supressão de carga horária do componente curricular arte etc. Na contracorrente dessa conduta, a FAEB propõe, com este número da nossa revista, que se adensem os debates, propostas e resistências ao que vem se entendendo como “desmonte da educação básica”, em especial da educação pública brasileira, com foco especial sobre o Novo Ensino Médio. Para tanto, Celida Maria Lima Braga explicita aspectos dessa problemática e alguns apontamentos de como lidar com ela em “Novos contornos para o Ensino de Arte no Instituto Estadual de Ciência e Tecnologia do Maranhão - IEMA: reflexões a partir da gestação do Núcleo de Arte & Cultura do IEMA (NACI)”. Frente extremamente importante para essa resistência de que tratamos encontra-se na estreita relação que os Colégios de Aplicação das Universidades Públicas estabelecem com estudantes, docentes e pesquisadoras/es das Licenciaturas em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro no que tange o ensino de Arte. Esse é o tema da escrita de Frederico Marcelo Crochet em “Os Colégios de Aplicação no Brasil: Arte, diversidade e resistência”. De modo mais explícito, Carla Giane Fonseca do Amaral assevera sobre a necessidade urgente de revogação do NEM, para que só então possamos coletivamente debater e propor reformulação para o Ensino Médio.

A entrevista deste número da revista da FAEB é com Cleber Cardoso Xavier. Na conversa ele aborda “O Novo Ensino Médio (NEM) – uma visão a partir da fala de dois professores da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)”. Como as ações para a revogação do NEM não se iniciam na FAEB com este número da revista, Francione Oliveira Carvalho apresenta parte das ações dos “Diálogos FAEB e InSEA/América Latina” POLÍTICAS E CONTEXTOS DA ARTE/EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA”, evento já realizado e que pode ser integralmente acessado no canal da FAEB no Youtube. E, como são pessoas que empreendem as lutas, resistências e impulsionam transformações, nossa homenagem desta vez é para Fabiana Lima Souto Vidal, com textos de Veronica Devens e Marcus Flávio. Para encerrar, me valho aqui das palavras de Carla Amaral na finalização de seu texto para esta revista: “Pela revogação do Novo Ensino Médio, sigamos na luta!”

Novos contornos para o Ensino de Arte no Instituto Estadual de Ciência e Tecnologia do Maranhão - IEMA: reflexões a partir da gestão do Núcleo de Arte & Cultura do IEMA (NACI).

Por Célida Maria Lima Braga



Professora do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IEMA. Coordenadora do Núcleo de Arte & Cultura do Maranhão - NACI. Possui Licenciatura em Educação Artística/Habilitação Artes Cênicas, pela Universidade Federal do Maranhão (1997) e Master Erasmus Mundus em Crossways in Cultural Narratives, pela Università degli Studi di Bergamo e pela Universidade Nova de Lisboa (2015). Membro do grupo de teatro de rua e intervenção urbana Huhuhu Circo Teatro.

Novos contornos para o Ensino de Arte no Instituto Estadual de Ciência e Tecnologia do Maranhão - IEMA: reflexões a partir da gestão do Núcleo de Arte & Cultura do IEMA (NACI).

Por Célida Maria Lima Braga

A proposta atual do Novo Ensino Médio coloca o ensino de Arte no lugar de resistência no território da escola. A redução da carga horária (antes eram 2h/a, agora reduzida para 1h/a – conquistas de 2001 no Maranhão)* e o retorno a polivalência são as exacerbações que enfrentamos no cotidiano do Componente Curricular Arte.

O ensino de Arte** continua obrigatório na Educação Básica, porém, agora como parte integrante da Área de Linguagens e suas tecnologias. O que justifica sua obrigatoriedade são os preceitos básicos humanos já tão divulgados por teóricos do campo da arte/educação, ou seja, que as artes expressam diferentes culturas e relações singulares entre pessoas, sociedades, espaços, tradições e costumes e que estão marcadas por tempos históricos específicos e por questões sociais que estruturam suas formas e conteúdo, todos concordam. Por que então, precisamos dizer o óbvio?

É necessário que se reconheça a Arte como área de conhecimento humano, que contribui para o desenvolvimento da autonomia reflexiva, criativa e expressiva dos estudantes***. E reafirmar que ela possui quatro campos de conhecimento artístico: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro e cada uma delas, com suas especificidades e autonomia.

*SANTANA, Arão Paranaguá de. A presença do Teatro na Educação Ludovicense, 2003, p.35. IN:SANTANA, Arão Paranaguá de; PAZZINI, Luiz Roberto de Souza; RIBEIRO, Tânia Cristina Costa. Visões da Ilha: apontamentos sobre teatro e educação. São Luís, 2003.

**Arte - refere-se ao componente curricular e arte refere-se ao conhecimento humano.

***Cf. BNCC, 2018, p.482.

A nova configuração do Ensino Médio expressa, na prática, questões extremamente ultrapassadas para o Componente Curricular Arte, quando contribui para o retorno da polivalência. Devemos agora retomar a prática da Licenciatura em Educação Artística, da década de 1970, do ensino que era generalista e superficial?

Depois de muitas lutas e pesquisa no campo da arte e de seu ensino aprendizagem, na atualidade, o professor da área passou a ter formação específica, no entanto, e se efetuar didaticamente a partir do currículo polivalente ensina o que não estudou. E assim, “essas atividades contribuem muito pouco para uma formação artística humanizadora (BIESDORF, 2012, p. 108).

É importante ressaltar e considerar a formação do professor de Arte e as especificidades de cada linguagem artística para estruturar o planejamento do Componente, a partir das competências específicas e das habilidades da área de Linguagens e suas tecnologias (Cf. BNCC, 2018).

O ensino atual da Arte precisa lidar com a sociedade da complexidade para redefinir alguns saberes próprios do Componente Arte de cada linguagem específica, e ainda operar com os temas contemporâneos integradores, numa perspectiva interdisciplinar e transversal, concomitante, ao cruzamento com os conteúdos das tanto das várias linguagens quanto de outras áreas, posto que são obrigatórios e garantidos por Lei.

E considerar também, a Lei 11.645/08, que inclui a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e o ensino de História e Cultura Indígena no currículo escolar da educação básica. Essas leis alteram a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) de n.9394/96 e têm o objetivo de promover uma educação que reconheça e valorize a diversidade étnico-racial, a partir das origens do povo brasileiro.

O combate à desigualdade racial na educação é, portanto, essencial, para o enfrentamento dessa realidade. O espaço escolar precisa desenvolver estratégias que deem conta de dialogar com a comunidade do entorno e assim, implantar no cotidiano escolar, uma pedagogia da diversidade e do respeito às diferenças.

É importante uma atenção sobre experiências educacionais, que manifeste as representações culturais locais já existente no cotidiano do estudante e que estejam inseridas para além de datas comemorativas e também, para além dos temas integradores.

Nesse sentido, o pensamento curricular de Arte, necessita valorizar a realidade do estudante, a sua história, sua cultura. Como também, valorizar as práticas pedagógicas do professor/a, como "propositor/a", ou seja, como aquele/a que dialoga com os estudantes o processo de criação, de pesquisa e de produção de materialidades e que contribui para o processo de ensino e aprendizagem e numa dinamicidade, posto que são frutos da construção do conhecimento humano.

A gestão do Núcleo de Arte & Cultura do IEMA - NACI

Em 2022 havia vários equívocos sobre o ensino de Arte no Maranhão, muito em razão da falta de formação dos professores sobre as novas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular e também sobre a implantação do novo ensino médio dentro do Estado. Consideramos que a pandemia contribuiu muito para a ocorrência desses equívocos.

Em agosto de 2022, a Diretoria Adjunta Pedagógica (DAP/ IEMA) cria o Núcleo de Arte & Cultura do IEMA - NACI para fomentar uma mudança nesse cenário dentro de todos os IEMAS Plenos. Com a responsabilidade de planejar, desenvolver, orientar, acompanhar e avaliar a execução das atividades curriculares do ensino de Arte desenvolvidas pela/o professora/o/e de Arte, bem como, de fomentar a

a política de arte e cultura da Instituição, por meio da democratização do acesso aos bens culturais locais, regionais, nacionais e mundiais.

Nas primeiras reuniões com a DAP/IEMA, o ponto das discussões foi uma apresentação da panorâmica sobre o ensino de Arte, no Brasil. Inicialmente houve esclarecimentos sobre as políticas públicas educacionais e os marcos legais referente ao ensino da Arte. Como exemplo, a Lei de Nº 13.278, de 2 de Maio de 2016, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN nº 9394/96, com a seguinte redação:

Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

Art. 2º O prazo para que os sistemas de ensino implantem as mudanças decorrentes desta Lei, incluída a necessária e adequada formação dos respectivos professores em número suficiente para atuar na educação básica, é de cinco anos.

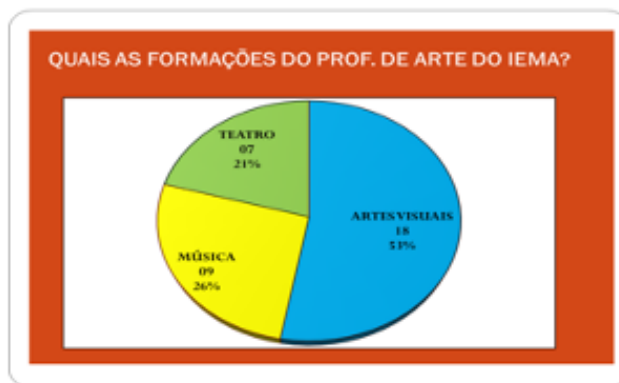
Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 2 de maio de 2016; 195º da Independência e 128º da República (DILMA ROUSSEFF, Aloizio Mercadante e João Luiz Silva Ferreira. Brasília, 2 de maio de 2016; 195º da Independência e 128º da República. IN: L13278 (planalto.gov.br).

O mapeamento dessas e de outras informações foram pilares das reflexões e iniciativas do Núcleo. Duas semanas depois, o núcleo elabora sua carta de apresentação aos professores com a seguinte proposta:

(...) A proposta da gestão do Núcleo é que ele seja uma construção coletiva e menos vertical, menos generalista, pois parece que nos sentimos obrigados a recorrer ao formato polivalente nos dias de hoje justificando que a BNCC, caminha para esse rumo, e por isso, ainda temos resquícios tecnicistas e uma matriz de conhecimentos eurocêntricos, que desconsidera os saberes, a história, as artes e a cultura dos povos originários.[1] A polivalência nos persegue! Mas, não podemos esquecer que cada IEMA está inserido em comunidades com culturas e tempos históricos específicos; que somos professores de Arte, mas temos habilitações diferentes, mesmo sabendo que a maioria dos professores de Arte do estado do Maranhão, tenha formação de Artes Visuais, depois Teatro e numa minoria, professores de Música e para Dança, quase inexistente (Trecho da CARTA ESCRITA AOS PROFESSORES DE ARTE DO IEMA, outubro de 2022).

A partir daí nos reunimos via Meet, com todos os professores de Arte de todos os IP's para apresentar as possibilidades futuras de ações do Núcleo e também para escutar sobre suas inquietações e expectativas. Na reunião com os professores, uma das primeiras observações feitas foi que não havia um currículo de Arte e que todos seguiam o modelo polivalente, comum na rede pública estadual de ensino. Também foi realizado um Google Forms, que contribuiu para o levantamento de dados sobre as formações de cada professor. Como destacamos no gráfico abaixo.



FONTE: Núcleo de Arte e Cultura do IEMA - NACI

De outubro a dezembro de 2022 iniciamos as visitas técnicas aos professores de Arte nos IEMA's Plenos - IPs, no III CICLO DE ACOMPANHAMENTO FORMATIVO - 2022 (Ciclo de Melhoria Contínua - PDCA. O Ciclo PDCA (Plan, Do, Check, Act) - é um conceito de instrumento destinado a apoiar o processo de melhoria contínua que considera as fases: planejar, executar, avaliar e ajustar. É uma valiosa ferramenta para acompanhamento e detecção dos ajustes necessários ao final de uma aula, uma eletiva, um processo ou até mesmo um período letivo. IN: DIRETRIZES Operacionais do IEMA, São Luís, 2023, p.12.). Grande parte dessas visitas foram presenciais e a outra parte, via Meet, que contribuíram para o surgimento de um trabalho colaborativo.

O propósito da visita era para apoiar as/os professoras/res na sua prática cotidiana como mediador do processo de ensino e aprendizagem. E assim desenvolvemos a seguinte pauta:

1. Planejamento de Arte do/a professor/a:

- Interação inicial com os professores de ARTE.
- Análise junto com o professor: do que planeja e do que realmente acontece no espaço de interação com os estudantes.
- Apresentação de slides sobre aspectos da BNCC/ARTE - (O que são, competência e habilidades?)

2. Quais suas dificuldades e necessidades?

- Aspectos teórico-práticos no ensino de Arte.

3. Sequência das atividades desenvolvidas:

- Apresentar conceitos simplificados de competências e habilidades e a aplicabilidade no contexto do ensino da Arte (Cf. BNCC, 2018).
- O que planeja e o que acontece.
- Quais projetos você desenvolve no IEMA?
- Proposta de leitura compartilhada do texto: Uma geografia mental para pensar arte & cultura. (Miriam Celeste & Gisa Picosque, 2012).
- Considerações dos participantes sobre o texto apresentado.
- O que podemos Compartilhar além de textos, ideias e metodologias?

Do encontro do trabalho colaborativo houve produções de novas possibilidades metodológicas para saídas da polivalência e para o respeito à formação do professor. E várias ideias de Projeto-artístico integrador, assim passamos chamar o que seria o trabalho do 3º período do segundo semestre.

Foram momentos enriquecidos quando analisamos os Planos de Ensino e o Guia de Aprendizagem. Destaca-se também, o diálogo entre os marcos legais, ampliando uma discussão sobre o retorno da polivalência e a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade como uma possibilidade de trabalhar o ensino da Arte de maneira menos tecnicista (Pauta das Visitas técnicas realizadas nos meses de outubro a dezembro de 2022).

O entrave encontrado inicialmente a partir da avaliação formativa (uma parte da sistemática de avaliação do IEMA) foi que cada professor trabalhava conteúdos diferentes, tornando impossível alinhar os conteúdos em uma única avaliação. Agora não haverá mais isso, porque a competência que uma unidade do IEMA usará, todas também adotarão, contribuindo para que se um aluno se transferisse para outro IEMA, não teria dificuldade com os conhecimentos essenciais para o ensino de Arte.

No percurso desses 06 meses tivemos duas formações via Meet. A primeira, em novembro/22, com o tema: “Formação docente no contexto da Lei N.11.645/2008. História e cultura afro-brasileira e indígena no Ensino Médio”, com a professora dra. Janine Alessandra Perini (UFMA). A segunda, em janeiro de 2023, com o tema: “Altos e baixos da interdisciplinaridade: um projeto neoliberal pela polivalência”, com o professor Me. Fernando Bueno Catelan. Essas formações contribuíram para fortalecer as discussões que já tinham sido sinalizadas nas visitas técnicas e para fortalecer a prática dos professores. Muitos comentaram que antes se sentiam sozinho dentro da unidade, pois não tinha com quem falar sobre Arte, agora se sentiam mais respeitados.

O final do ano de 2022 criamos 05 grupos de trabalhos. O primeiro foi denominado GT Central composto de 03 professores com a Coordenação do Núcleo; depois criamos o GT de Artes Visuais; o GT de Música; e o GT de Teatro. Como não temos professor com formação em Dança, esse GT ainda não foi criado.

No primeiro encontro de 2023 (via Meet) para definirmos as Competências Específicas a serem trabalhadas em cada período letivo e para casa Série, fizemos algo inovador. Na parte da manhã nos reunimos na mesma sala e na parte da tarde, primeiro nos encontramos na sala principal, depois nos dividimos em salas e concluímos voltando para a sala principal, evidenciando um trabalho pioneiro no Maranhão. Professores com a mesma formação específica se reunindo para um planejamento coletivo. Mediante do que vem ocorrendo no Brasil, que é a desvalorização do ensino-aprendizagem da Arte e o retrocesso da polivalência, consideramos importantíssimo o trabalho de formação que o NACI/IEMA vem realizando com os professores de Arte, é para aplaudirmos de pé e dizer: bravo IEMA! Pois experiências como essa podem inspirar outras instituições e redes de ensino a fazerem o mesmo.

Novos contornos para o Ensino de Arte nos IEMA's Plenos: considerações da experiência

Ao longo desses 06 meses de trabalho do NACI, observamos que as visitas técnicas aos professores de Arte nos IEMA's Plenos, no III CICLO DE ACOMPANHAMENTO FORMATIVO - 2022 foram destaques para o percurso que delineou novos contornos para o Componente Curricular Arte.

O formato de trabalho colaborativo, era necessário para as reflexões sobre o ensino de Arte que evidenciam novos contornos, quando professores de arte se permitem planejarem juntos, ou pelo menos iniciar seu Plano de ensino anual no coletivo. E o IEMA é pioneiro na valorização do ensino de Arte no estado do Maranhão. Não há nenhum professor que seja de outra área ministrando aulas de Arte. Algo difícil, mas não impossível vem sendo praticado dentro dos IEMA's Plenos no Maranhão.

Esses foram os aspectos que destacamos que interferiram diretamente no Ensino de Arte do IEMA. E os impulsos dessas reflexões chegaram diante da necessidade atual que é o próximo ponto de partida: a criação de uma Proposta Curricular de Arte para todos os IEMA's, que considere os marcos legais das legislações contemporâneas, a partir da BNCC de 2018; que sistematize um Organizador Curricular de Arte, que dê enfoque aos conhecimentos locais essenciais para formação artística e cultural do estudante de um curso profissionalizante e técnico (EPT).

Mas, que reflita o ensino de Arte, não polivalente e que promova a democratização do acesso aos bens culturais, por meio da valorização da Arte e da cultura local na busca de aprofundar a relação entre os IEMA's Plenos e comunidade do escolar.

Os Colégios de Aplicação no Brasil: arte, diversidade e resistência

Por Frederico Marcelo Crochet



Artista visual e professor do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestrando em Educação pelo PPGE/UFJF e membro do MIRADA-Grupo de Estudo e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente.

Os Colégios de Aplicação no Brasil: arte, diversidade e resistência

Por Frederico Marcelo Crochet

O Brasil vive um momento crítico. Os revesses políticos iniciados em 2016 deram força para ideias conservadoras, não críticas, excludentes que defendem o anti-intelectualismo, a perda de direitos, a moral cristã como padrão de Estado e a negação do mundo sensível. A aprovação da Reforma do Ensino Médio, da BNCC – Base Nacional Comum Curricular e o movimento de militarização das escolas públicas iniciado no governo Bolsonaro apontam retrocessos históricos em relação a presença da Arte no currículo escolar, e não podem ser desvinculadas do momento histórico que o Brasil atravessa.

Dentro deste contexto propomos discutir e defender a importância dos trabalhos que são realizados pelos Colégios de Aplicação brasileiros. Criados em 1944, na época que o emblemático educador Lourenço Filho dirigia o INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira, os CAP são instituições de Educação Básica vinculadas às universidades federais para promover a Prática de Ensino de estudantes das licenciaturas e a Experimentação de propostas pedagógicas inovadoras e contemporâneas. A defesa dos CAP torna-se fundamental num momento onde o trabalho realizado nas universidades federais e nas licenciaturas de professores no Brasil é colocado em cheque.

A adoção de medidas vinculadas ao neoliberalismo, a economia de mercado e a educação tecnicista fazem com que as políticas educacionais reformulem os objetivos da educação em termos de competências para o mercado de trabalho. Afastando ainda mais os estudantes brasileiros das experiências promovidas pela arte e pela cultura.

O artigo discutirá essas questões a partir do trabalho que é realizado nas aulas de Arte do Colégio de Aplicação João XXIII, unidade acadêmica vinculada a Universidade Federal de Juiz de Fora, instituição localizada no interior do estado de Minas Gerais, Brasil. A arte e a cultura atravessam de diferentes maneiras o cotidiano do CAP João XXIII, mas nos debruçaremos nesta comunicação sobre ações realizadas na disciplina curricular de Arte no Ensino Médio e no EJA – Ensino de Jovens e Adultos. Acreditamos que ao promover leituras da série Afro Retratos da artista Renata Felinto (Figura 1), e a criação de instalações a partir do questionamento da violência e da exclusão de grupos específicos no Brasil afirma-se uma prática artística e um ensino de arte inclusivo e insubordinado, que resiste a mercadorização e o empobrecimento da experiência estética.



Figura 1. Sem título (2013), de Renata Felinto, aquarela sobre papel, 30 x 40 cm. Acervo da artista.

Desenvolvimento

O Colégio de Aplicação João XXIII ao longo de seus mais de 50 anos de história desenvolveu uma proposta pedagógica que valoriza os diversos saberes nas mais distintas áreas, dentre elas, a Arte. Entendendo que essa disciplina propicia o pensamento artístico, a percepção estética e dá sentido à experiência humana, a disciplina de arte integra o currículo de todas as etapas de ensino ofertadas no colégio. Ou seja, do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, nos três anos de Ensino Médio e em todos os anos da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Com uma equipe de docentes formada somente por professores com formação específica (atualmente 5 professores com licenciatura em Artes Visuais e 2 professores com licenciatura em música), os alunos de todos os segmentos de ensino estão em constante contato com os debates e experiências das diversas linguagens artísticas situadas em diferentes culturas. Os professores organizam o conteúdo programático de cada ano escolar em conjunto, na expectativa de otimizar o estudo e, oportunizar maior leque de vivências proporcionadas pela Arte. Nesse texto relataremos duas experiências específicas: uma com o 3º Ano do Ensino Médio regular e outra realizada em todas as turmas do Ensino Médio da modalidade EJA.

O programa de Arte do Ensino Médio regular do C. A. João XXIII problematiza a história da arte sob diferentes óticas, experiências e subjetividades. Integrando as dimensões da crítica, do ler e do fazer. Para tanto, as turmas de 1º ano estudam a Arte do ponto de vista da identidade e da diversidade de narrativas, o 2º ano dirige os estudos para as rupturas artísticas ao longo da história, e o 3º ano se aprofunda nas questões lançadas pela arte contemporânea.

Entretanto, é importante mencionar que o pensamento contemporâneo em arte tal como proposto por Carvalho (2016), onde as imagens são pensadas como cruzamento de linguagens, saberes, tradições e experiências de um mundo visualmente complexo perpassam todas as ações realizadas em arte no colégio.

A arte contemporânea possibilita refletir sobre uma série de questões sensíveis a respeito da arte, da experiência humana e do mundo em que vivemos. Dessa forma, as aulas têm como ponto de partida obras e artistas que permitem um olhar crítico e contestador sobre a realidade. A partir da leitura das imagens os estudantes tecem conceitos, compartilham opiniões e constroem juntos conhecimento sobre arte. Dentre os temas trabalhados, a identidade negra e a situação afrodescendente no Brasil são dos que mais geram participação dos discentes. Isso ocorre porque a situação de negros e negras no país ainda é alarmante. Os impactos do sistema escravista ainda se fazem presentes na sociedade brasileira, dados econômicos e sociais mostram que as populações afrodescendentes permanecem na base da pirâmide social e excluídas de direitos básicos.

Em todos os anos escolares, as aulas de Arte apresentam a preocupação de unir as discussões teóricas com ações práticas seguindo a abordagem triangular proposta por Ana Mae Barbosa (1998). No 3º Ano do Ensino Médio, a cada tema discutido, os professores elegem um ou mais artistas para impulsionar uma prática. Para o tema em questão, a artista escolhida no ano de 2018 pelo professor Frederico Crochet foi Renata Felinto.

Renata Aparecida Felinto dos Santos (1978) é uma pesquisadora, educadora e artista plástica brasileira natural de São Paulo. A ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras analisa sua obra da seguinte forma:

A produção de Renata Felinto entrelaça identidade e gênero, tensionando as construções estéticas e culturais de ambos. Em diferentes linguagens, ecos de uma iconografia de raiz africana permeiam seus trabalhos, buscando espaço entre os parâmetros estéticos dominantes. O mesmo procedimento é observado nas pesquisas teóricas sobre matrizes afro-brasileiras e no trabalho como ativista cultural (ENCICLOPÉDIA, 2019).

A potência das pinturas de Felinto chamaram atenção do professor pela qualidade visual e pela atitude contestadora. Por isso, para impulsionar o trabalho artístico dos estudantes foi selecionada a série Afro Retratos. Iniciada em 2010, a série funde técnicas do desenho e da colagem em pinturas de cores vibrantes que revelam autorretratos inseridos em diferentes culturas, numa clara manifestação política contra a predominância de imagens de mulheres brancas na arte.

Os alunos foram então desafiados a criar uma exposição de mesmo nome, mas ao contrário da realização de autorretratos, seus trabalhos valorizariam a visualidade negra através da imagem das pessoas autodeclaradas afrodescendentes da própria escola.

Divididos em grupos os alunos explicavam a proposta aos alunos, funcionários, professores, estagiários e outros membros da comunidade escolar e fotografavam os que aceitavam participar. Com o auxílio do professor, as fotografias foram desenhadas e em seguida pintadas com tinta guache. Para o fundo das pinturas, os discentes pesquisaram e criaram formas com cores impactantes que remetiam às pinturas e estampas africanas. Para finalizar as criações, colagens dos retratados capturados no colégio se uniram às estampas (Figura 2, 3 e 4).



Figura 2. Retrato fotográfico do professor Frederico Crochet capturado por alunos. Acervo pessoal.



Figura 3. Pintura guache realizada a partir do registro fotográfico. Acervo pessoal.

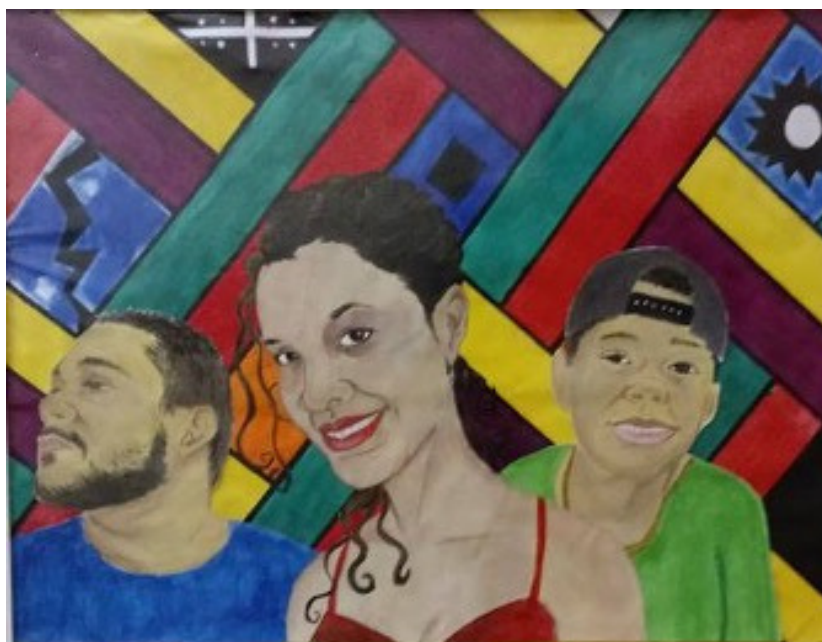


Figura 4. Afro-retratos do João (2018), trabalho coletivo, desenho e pintura guache. Acervo pessoal.

A exposição foi montada no corredor principal da escola durante o evento intitulado “Ubuntu – Ação e Consciência Negra” organizado por um coletivo de professores e TAEs e que promoveu durante o mês de novembro diversas ações como exposições, cine-debates, oficinas, etc. com a temática da valorização da identidade negra brasileira (Imagem 5 e 6). Dia 20 de novembro é celebrado no Brasil o Dia da Consciência Negra, data que faz menção ao dia da morte de Zumbi dos Palmares, que liderou no século XVII o maior quilombo das Américas, o Quilombo dos Palmares. Hoje símbolo de resistência e representatividade.



Figura 5. Corredor do Colégio João XXIII com a exposição Afro-retratos (2018). Acervo pessoal.



Figura 6. Afro-retratos do João (2018), trabalho coletivo, desenho e pintura guache. Acervo pessoal.

Também com a ideia de uma formação ampla em arte e crítica para vida, faremos agora o relato de uma experiência nas aulas de Arte realizadas no segmento EJA. Uma das funções principais dos colégios de aplicação é a formação de professores. O João XXIII assume esse compromisso através de diferentes ações: Estágio, Projetos de Iniciação a docência, Projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, cursos de pós-graduação e um recém iniciado curso de Residência Docente. No entanto, hoje, dentre todos os projetos com esse objetivo, nenhum aproxima mais o graduando das vivências de um professor do que a Iniciação à Docência na Educação de Jovens e Adultos.

Na proposta atual da escola, a EJA oferece o Ensino Médio a alunos maiores de 18 anos com caráter de aceleração. Cada ano letivo equivale a um semestre de estudo. As aulas são ministradas por professores bolsistas ligados à UFJF seja na licenciatura ou na pós-graduação. Esses bolsistas passam por seleção organizada pelos professores responsáveis pela orientação dos mesmos. Dessa forma, cada bolsista tem pelo menos um orientador que é um professor efetivo da escola na área que lecionará.

O trabalho apresentado foi realizado no primeiro semestre de 2018 e teve como professores bolsistas os estudantes Ariane Ribeiro, Filipe Pires e Tatiane Gonçalves. Os orientadores foram Frederico Crochet, professor responsável pela exposição citada anteriormente, e Nelson Faria.

O programa de Artes desenvolvido na EJA tem a sociedade e cultura contemporânea como foco e procura articular os conteúdos artísticos à realidade dos alunos e seus objetivos individuais de crescimento pessoal. Nas reuniões de orientação, os professores orientadores e seus bolsistas resgatam situações ocorridas na atualidade cujo impacto interfere direta ou indiretamente no contexto social.

Na instalação Filhos de Quem? realizada pelos alunos da EJA, a situação disparadora foi o assassinato de Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes.

Marielle era uma liderança na luta pelos direitos das ditas minorias sociais. Sendo ela mesma mulher, negra e homossexual, seu trabalho a favor desses grupos e contra as milícias do Rio de Janeiro tinha reconhecimento nacional. Diante do que se tornou claro como uma execução por razões políticas, os alunos se viram incentivados a realizar um trabalho que denunciasse a violência e chamasse atenção aos alvos mais vulneráveis em nosso país.

Aos discentes foi então apresentado o trabalho do artista luso-brasileiro Artur Barrio que em 1970 realizou a obra Trouxas Ensanguentadas para denunciar o desovamento de corpos durante o regime militar no Brasil. A intervenção, que chocou o público, aconteceu em terrenos baldios do Rio de Janeiro e no principal rio que corta Belo Horizonte, o Ribeirão das Arrudas. Se tratava de trouxas de pano, preenchidas com material orgânico e dejetos, cortadas a golpes de faca. O artista inseriu ainda um pedaço de carne de onde saía sangue, dando a impressão de que se tratavam de corpos ensanguentados. O trabalho ficou tão realista que constantemente a polícia era chamada para averiguar a situação.

Os alunos construíram então uma trouxa que remetia a um corpo humano violentado. A equipe docente teve, diante do resultado, a preocupação de onde expor a obra na escola visto que a mesma é frequentada por crianças desde os seis anos de idade. Por sorte, um laboratório situado num prédio anexo à escola estava desativado e desocupado naquele momento. Ao estudar o espaço, a equipe optou então por ocupá-lo totalmente com uma instalação formada por diversos trabalhos dos alunos de todas as turmas da EJA onde a trouxa também ficaria exposta.

Um caminho escuro e fúnebre intercalava produções de textos, desenhos e máscaras que representavam os invisíveis aos olhos de uma “justiça” que segundo os estudantes privilegia determinados segmentos da sociedade, mas persegue e massacra outros.



Figuras 7, 8, 9 e 10. Filhos de Quem? (2018), instalação criada pelos estudantes do EJA do Colégio João XXIII. Imagens de Renata Oliveira Caetano.

Considerações finais

Gostaríamos de finalizar este artigo trazendo o impacto das duas proposições pedagógicas na comunidade escolar do Colégio João XXIII. A resposta para a exposição Afro Retratos foi imediata e significativa e retomou os debates que deram origem ao trabalho. Os próprios alunos trouxeram as reações de seus colegas e professores para o debate. Dentre elas, uma aluna negra se disse emocionada em se ver retratada num local de destaque e tendo sua beleza valorizada apesar de fugir dos padrões midiáticos a que está exposta. Um outro aluno, que retornava de um intercâmbio, disse que nos museus visitados por ele, não viu o negro representado com tamanho respeito e valorização. Um funcionário terceirizado queria entender melhor o que definia uma pessoa como negra diante de tantos tons diferentes de pele. Uma professora branca elogiou muito o trabalho e pediu para o professor responsável uma nova exposição com a mesma técnica mas tendo todos os professores como modelos. A ela, e a todos os que participaram dos debates, foi esclarecido que o objetivo da exposição também era demonstrar o quão incomodo é para o negro a sua invisibilidade nos diferentes espaços, inclusive o escolar.

Já a instalação *Filhos de Quem?* não foi visitada apenas pelos alunos da EJA mas também por todas as turmas de Ensino Médio Regular e 9º Ano. Após cada visita mediada, um debate era direcionado por um membro da equipe de docentes que conduziu a proposta. Além dos alunos, professores das licenciaturas da UFJF também foram convidados a experienciar a instalação. Uma turma de Pedagogia realizou uma aula especial no local. Em todas as visitas, a emoção dos espectadores era visível e os depoimentos eram emocionantes.

Mesmo que em graus diferentes, ninguém saiu da instalação da mesma forma que entrou, algo nas produções dos alunos, na iluminação de velas e na ambientação musical mexeu com os sentidos de quem se deixou afetar.

Se o tempo escolar é o tempo de prestar atenção ao mundo, as criações artísticas são importantes disparadoras para percebermos como ele é visto, problematizado e recriado pelas pessoas. Elliot Eisner (2018) aponta que o aprendizado e a experiência que a arte traz para a educação não está restrita apenas a sua área de conhecimento, por isso, todos ganham com a sua presença nos currículos. A arte está ancorada na experiência humana, que é múltipla e diversa, e compartilha uma forma sensível de perceber o mundo, portanto, é fundamental na escola, como também é fundamental o trabalho que é desenvolvido nos Colégios de Aplicação no Brasil.

Referências bibliográficas

Barbosa, Ana Mae (1998) A imagem no ensino da arte. São Paulo: Editora Perspectiva. ISBN:85-273-0047-8.

Carvalho, Francione Oliveira (2016) Arte: Percursos, linguagens e cultura. São Paulo: Editora do Brasil. ISBN: 978-85-10-06127-8

Eisner, Elliot (2008). "O que pode a educação aprender das artes sobre prática da educação?". Revista Currículo sem Fronteiras, v. 8, n.2, pp. 5-17. ISBN: 1645-1384 [Consult. 2019-04-28] Disponível em URL: <http://www.curriculosemfronteiras.org>

Renata Felinto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural (2019). Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa637835/renata-felinto>>. Acesso em: 28 de Abr. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

O Novo Ensino Médio “deu ruim” e sua revogação é urgente.

Por Carla Giane Fonseca do Amaral



Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas. Atualmente é docente de Artes Visuais no Instituto Federal Sul-rio-grandense Campus Sapucaia do Sul. Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Arte, Linguagem e Currículo. Participa dos grupos de Pesquisa ArteVersa (UFRGS), C.A.D.E (IFRS) e do Observatório da Educação Profissional (IFSul). É a atual Diretora da Associação Nacional de Professores de Arte dos IFs (ANPAIF) Gestão 2022-2024. Tem experiência nas áreas de Artes Visuais, Educação Profissional e Tecnológica e Reformas Educacionais, atuando principalmente com os seguintes temas: Artes Visuais, ensino de arte no contexto dos Institutos Federais, formação estética e legislação para a educação.

O Novo Ensino Médio “deu ruim” e sua revogação é urgente.

Por Carla Giane Fonseca do Amaral

“Deu ruim” é uma expressão amplamente utilizada pela juventude, quando o objetivo da comunicação é deixar claro que algo não deu certo. Começo esse texto me apropriando dessa expressão, pois ela me parece adequada para resumir o quão trágico vem sendo o processo de implementação do Novo Ensino Médio e o quão necessária é a sua revogação.

Inicialmente, é preciso lembrar que esse Ensino Médio que aí está é resultado de uma das primeiras propostas do governo de Michel Temer, apresentada como Medida Provisória em setembro de 2016. Desde então nós, trabalhadores da educação, pesquisadores e estudantes já entendíamos que o modelo iria “dar ruim”, pois o texto da MP, mesmo tendo passado por mais de 500 emendas na Câmara e no Senado antes da aprovação como lei, demonstrava se tratar de um projeto de educação elitista e antidemocrática.

A necessidade de reformulação do Ensino Médio sempre foi assunto recorrente nas discussões educacionais, porém a proposta forjada na urgência de um programa de governo golpista, sem consulta à comunidade escolar e pesquisadores, nunca representou os ideais de educação democrática, crítica e reflexiva que defendemos.

A apresentação da MP ocorreu em paralelo com a PEC do Teto de Gastos, que limitou o orçamento do Governo Federal nas áreas da educação e saúde e ambas foram alvo de protestos em todo o Brasil no segundo semestre de 2016. Audiências públicas realizadas para tratar do tema foram desmobilizadas e a proposta de reforma no Ensino Médio foi também pauta da Primavera Secundarista, movimento em que estudantes ocuparam escolas contra as mazelas que, cada vez mais, se abatiam sobre o cenário da educação pública brasileira. Ao mesmo tempo, diversas entidades publicaram manifestos, cartas e notas, buscando resistir às imposições realizadas pelo Governo Federal e contrárias ao conteúdo e à forma como as mudanças no Ensino Médio foram efetivadas.

Embora seja pautada pelo conceito de flexibilidade e carregue em si um discurso que sedutor, ligado à ideia de liberdade dos jovens e autonomia para que esses possam decidir sobre o próprio futuro, o Novo Ensino Médio disfarça, não de forma suficiente, sua subordinação aos objetivos imediatos e restritos do mercado de trabalho.

Com o argumento de corrigir o número considerado excessivo de disciplinas, a prometida liberdade de escolha e a diminuição de conteúdos “chatos ou velhos”, representa, na verdade, a limitação do direito de aprender os conhecimentos das várias ciências. O Novo Ensino Médio tornou obrigatórias em todos os anos apenas as disciplinas de Português e Matemática e propõe a flexibilização curricular, a partir de itinerários formativos. Desta forma, essa etapa da formação fica dividida entre parte direcionada à BNCC (que é outro problema do qual precisamos tratar de forma assertiva) e itinerários, que são: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Formação Técnica e Profissional.

Assim, ao alcançar esse nível, jovens estudantes devem optar por um dos itinerários, de acordo com a sua preferência, tendo como prerrogativa a liberdade de escolha, o que acaba por limitar os conhecimentos acessíveis para estudo, resultando em uma superficialidade na formação.

O ensino de Arte também sofre um ataque nessa reforma, pois a área foi inserida no itinerário Linguagens e suas Tecnologias, sem especificidade na nova lei, tornando ainda mais difícil o acesso pleno a esses conhecimentos a toda a população. Além disso, a MP que antecedeu à lei propunha retirar Arte, Educação Física, Filosofia e Sociologia da matriz obrigatória e essas só foram mantidas após uma forte pressão popular e política, ainda que subordinadas à BNCC.

Tendo sido aprovado de forma definitiva em 2017 e com prazo de até 5 anos para implementação, essa começou a acontecer, de fato, no período pandêmico com um Ministério da Educação já desgovernado pelo bolsonarismo e completamente ausente de todo o processo. A expectativa e promessas de um futuro brilhante aos jovens, com autonomia e aprofundamento precoce da formação em uma área específica, transformou-se em um grande pesadelo que, conforme percebemos, tem deixado cada vez mais claro que “deu ruim”. Isso, porém, não é válido na rede privada de ensino, onde a ideia teve boa recepção e as mudanças são tidas como positivas. Com planejamentos prévios, recursos e possibilidade de organização financeira, as escolas particulares tratam do tema como uma possibilidade de “arejamento” no currículo. Escolhas conforme aptidões e aprofundamento dos estudos em áreas de conhecimento com as quais os estudantes sejam mais identificados, é obviamente bem adequado em uma perspectiva mercadológica de educação, em que

as escolas planejam suas práticas pedagógicas a partir da ideia de negócio, e em que ofertar diferentes “produtos” à escolha do “cliente” é algo natural, confortável e prático.

Porém, o que temos visto é que essa tentativa de dar leveza ao currículo do Ensino Médio só funciona na rede privada de educação. Na rede pública, a realidade continua tão precária ou pior quanto a anterior, que considerava o Ensino Médio uma jornada exaustiva e chata. Inicialmente é preciso destacar que, sem um MEC responsável por dar o norte da implementação, cada estado colocou o Novo Ensino Médio em prática de sua forma e o programa apresenta diferentes níveis de implementação. Além disso, a criação de diferentes variáveis dos itinerários formativos, faz com que inúmeros “Novos Ensinos Médios” sejam possíveis no país, o que representa a negação do direito a uma formação básica completa e comum a todos[1].

Além disso, ao propor essa medida, o governo desconsiderou a realidade da educação pública no país, em que a grande maioria das escolas não possui condições físicas, estruturais ou de recursos humanos para ofertar tantas opções aos estudantes em formação, o que diminui a oferta para alguns deles.

Outro aspecto de ampla divulgação a respeito do Novo Ensino Médio foi o aumento de carga horária de 2400 para 3000 horas. Porém, apesar dos aplausos de parte da sociedade, o Governo de Michel Temer fez essa alteração de forma arbitrária, pois não aumentou a quantidade de professores, não melhorou a estrutura das escolas e não disponibilizou recursos financeiros, sendo que no mesmo ano os recursos para a educação foram travados pela PEC do Teto de Gastos.

[1] Um exemplo é o Ensino Médio ofertado agora no Rio Grande do Sul, que se divide em 24 possíveis trilhas de aperfeiçoamento, que enfatizam uma área focal e outra complementar.

Com a obrigatoriedade de ofertar pelo menos duas opções de itinerários para os alunos e a divisão das turmas em grupos menores, um dos primeiros impactos é o aumento da necessidade de espaço físico, assim como de docentes aptos a lecionarem esses diferentes conteúdos. Porém, com a falta de investimentos, o que se vê atualmente pelo Brasil são escolas com infraestrutura insuficiente e docentes sem formação adequada para as novas disciplinas que surgiram, como vem sendo divulgado nos últimos meses.

A aposta do governo foi de que a criatividade dos educadores para trazer os conteúdos de forma inovadora e resolver os problemas educacionais seria suficiente para transformar o Novo Ensino Médio em tudo que foi prometido. Mas como isso se daria em um país em que os professores sofrem com esgotamento mental, salários insuficientes e todo tipo de carência que a educação pública enfrenta?

A ideia inicial de se retirar disciplinas “chatas” e criar um currículo com aulas que ajudem a lidar com a vida não acontece no contexto da educação pública. O Novo Ensino Médio é, pelo contrário, altamente excludente, na medida que diminui a carga horária de disciplinas como Arte, Química, Física, Geografia, entre outras, e permite que essas sejam ofertadas de forma inalterada nas escolas particulares, ampliando ainda mais a desigualdade no acesso ao ensino superior entre quem estuda na rede pública e estudantes da rede privada.

Além disso, o aumento da carga horária diária em busca de uma suposta educação em tempo integral e a obrigatoriedade de estudar em dois turnos, não é atrativa para alunos mais pobres que, diante do contexto pós-pandêmico, muitas vezes precisam trabalhar para ajudar no sustento de suas famílias, o que aumenta o risco de evasão.

Tem sido amplamente divulgados pela imprensa, casos de municípios pequenos, com menos recursos, em que o "cardápio" dos itinerários formativos é menor. Como as disciplinas básicas têm menos prioridade na grade curricular, estudantes que residem nesses locais estão sendo prejudicados em comparação com alunos de escolas privadas ou de municípios maiores.

Nesse processo, inúmeras questões estão incomodando alunos, pais e professores, que além de apontar problemas estruturais, como a falta de laboratórios, ausência de internet e despreparo do corpo docente para essa revolução em sala de aula, também identificam outras dificuldades.

Uma delas é a disciplina chamada Projeto de Vida, que esvaziou componentes curriculares responsáveis por um processo reflexivo e crítico, como Filosofia e Sociologia e Arte, transformando-se em uma espécie de autoajuda, que visa preparar uma vida de sucesso, diante de um cenário econômico ainda precário e instável.

Temos lido frequentemente que disciplinas com nomes como "O que rola por aí", "RPG", "Brigadeiro caseiro", "Mundo Pets" e "Arte de morar" começam a fazer parte da realidade de estudantes do ensino médio nas redes públicas do Brasil. Em paralelo, há relatos de professores de História e Geografia, por exemplo, que perderam metade da carga horária em sala de aula e que, para manter seu salário, tem que lecionar disciplinas de outros campos de conhecimento, o que flagrantemente, precariza ainda mais o trabalho docente e a qualidade do ensino.

É inegável o esforço que tem sido feito pela rede pública para tentar ofertar um Ensino Médio com um mínimo de qualidade, mas o que se vê são áreas de conhecimento tradicionais perdendo espaço, enquanto temas fora do comum são incluídos como "tapa-buracos" de currículos paranoicos, que não tem condições suficientes para se sustentar.

Outra promessa feita pelo Novo Ensino Médio é a de qualificação profissional, a partir do itinerário Formação Técnica e Profissional, porém as escolas não estão recebendo investimentos para construção de salas de aula e laboratórios, ou para contratação de recursos humanos e nem mesmo conseguindo oferecer disciplinas técnicas com qualidade. A realidade é a oferta de um amontoado de conhecimentos aleatórios e conteúdos vinculados a um modelo de sociedade sem perspectiva de mobilidade e justiça social. Nesse mesmo contexto, abreviam-se conteúdos importantes e que possibilitam um pensamento ético, estético, reflexivo e crítico.

Diante de tudo isso, é necessário que reafirmemos que, de fato, essa proposta de Novo Ensino Médio “deu ruim” e nos coloquemos de forma disposta na mobilização pela sua revogação. Ao absorver parte da pressão social que começou a se desenrolar a partir do começo de 2023, o MEC, agora sob a direção de um governo democrático, abriu consulta pública para avaliação e reestruturação do Novo Ensino Médio, mas com indicativos de que é contrário à revogação. A aposta é de que poderão ser encontradas formas de aperfeiçoar o modelo e construir alternativas a curto prazo para resolver problemas pontuais. Porém diante da tragédia que vem se abatendo sobre a juventude brasileira, obrigada a receber essa educação cada vez mais pífia, isso não é suficiente.

Embora essa predisposição para o diálogo seja positiva, o cronograma ofertado pelo MEC, com 90 dias para avaliação, é inviável e exíguo para resolver as demandas e consertar estragos robustos como os que temos visto em fóruns, debates e pesquisas, e também na mídia. Com esse currículo pouco crítico, que não é oferecido da mesma forma a todos os estudantes em formação, alarga-se a desigualdade na educação brasileira e não será um grupo de trabalho com duração curta que conseguirá dar cabo a todas as consequências dramáticas dessa terrível equação entre propostas descoladas da realidade, currículos desestruturados e

desorganização das redes de ensino.

É necessário suspender o Cronograma Nacional de Implementação do Novo Ensino Médio, proposto ainda pelo governo antidemocrático do ex-presidente Bolsonaro, e suspender a elaboração do Novo Enem, que segue datado para 2024. O Governo Federal atual precisa observar que nós, educadores, trabalhadores da educação, estudantes e famílias temos o direito de debater sobre essa proposta e também o direito de defender a sua revogação imediata.

Não há o que discutir ou aperfeiçoar, diante de uma realidade em que, para a maioria dos estudantes, essa fase da formação foi aniquilada, em troca de um disciplinas que defendem coisas como "pare de ser pobre, apenas não seja pobre", sem qualquer fundamento ou ligação com as complexas e precárias relações sociais e econômicas em que vivemos.

Não há tempo e nem condições para remendos de uma proposta que já nasceu nefasta e que já sabíamos que iria "dar ruim". Quantas gerações permitiremos que tenham suas vidas e formações afetadas por esse horror? É preciso parar a implementação do Novo Ensino Médio e revogá-lo. A partir daí, é necessária a construção responsável e democrática de uma alternativa curricular que possa acolher a todos, ao invés de aumentar a fenda entre extratos sociais e a exclusão.

Pela revogação do Novo Ensino Médio, sigamos na luta!

Entrevista

O Novo Ensino Médio (NEM) - uma visão a partir da fala de dois professores da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Por Cleber Cardoso Xavier



Doutor e mestre em Arte pela Universidade de Brasília. Representante do Distrito Federal na FAEB. Professor de Artes Visuais da SEEDF desde 2009. Vice-líder do Grupo de Pesquisa MEMAV/UNB/CNPq. Integrante do Grupo de Pesquisa GPeMC/MACKENZIE/CNPq.

O Novo Ensino Médio (NEM) – uma visão a partir da fala de dois professores da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Por Cleber Cardoso Xavier

No mês de março de 2023 promovi entrevistas a dois docentes que estão inseridos em unidades escolares da SEEDF, mesma instituição que atuo, mas em segmento distinto. As entrevistas foram pensadas para compor a Revista da FAEB e visam expor minimamente o cenário da implementação do Novo Ensino Médio no contexto do Distrito Federal. Este material não é uma pesquisa que visa abarcar todo o contexto do Distrito Federal ou até mesmo uma amostragem pensada sob alguma metodologia científica, mas sim trazer uma impressão sobre o cotidiano escolar.

Os dois professores entrevistados estão inseridos em unidades escolares que trabalham, atualmente, com turmas de 1º e 2º anos do Novo Ensino Médio (NEM) e o 3º ano é ainda ministrado ou trabalhado com o curso científico ou Ensino Médio Regular, pois essas escolas não eram escolas pilotos da implantação do Novo Ensino Médio. Suas escolas iniciaram a implantação do NEM em 2022. O professor Marcelo D´Lucas[i] é professor efetivo da SEEDF e atua em uma escola situada na Asa Sul do Plano Piloto de Brasília, o Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB). A outra entrevistada aqui identificada como R. A.[ii] é professora numa escola situada em uma Região Administrativa distante do Plano Piloto de Brasília, ou seja, está localizada na periferia.

[i] Marcelo D´Lucas – Licenciado em Artes Cênicas pela Faculdade Dulcina de Moraes, professor efetivo da SEEDF desde 2013. Coordena um grupo de teatro de estudantes do Ensino Médio, desde 2021.

[ii] R. A.– Licenciada em Artes Visuais, Mestre em Arte, professora efetiva da SEEDF.

O NEM no Distrito Federal foi implementado em escolas piloto em 2020. Em 2021, somente as escolas que desejaram, fizeram a implantação do NEM. Essa alteração no cronograma de implantação do NEM ocorreu devido a pandemia de Covid19. Em 2022 todas as escolas de Ensino Médio presentes no Distrito Federal foram obrigadas a aderir à implementação do NEM. Há que se considerar que quase uma década anteriormente a implantação do NEM, ocorreu no Distrito Federal à implantação da semestralidade no Ensino Médio Regular. Nos últimos anos aconteceu a nova mudança, a implantação do NEM.

A semestralidade no Distrito Federal ocorreu há aproximadamente uma década. Não houve redução de carga horária dos componentes. Nesta situação, o componente Arte foi deslocado para um dos semestres letivos, possibilitando ao docente trabalhar com cerca da metade das turmas anuais, num semestre, e no outro semestre atender a outras turmas. Assim, os estudantes mantiveram o total de quatro (4) aulas de Arte semanalmente, na semestralidade.

A partir da implantação do NEM houve uma redução de 50% da carga horária do componente Arte, sendo então que o estudante passou a ter somente duas (2) aulas do componente Arte no semestre, sendo possível a complementação indireta da carga horária do mesmo componente por meio de eletivas. Esta redução de carga horária por componente aconteceu não só para o componente de Arte, mas também para outros componentes como História e Geografia.

A professora R. A. solicitou que não tivesse texto inserido na reportagem diretamente ligado ao seu nome, portanto, as informações por ela fornecidas, compõem a escrita comum da entrevista, como uma estrutura de contexto informativo ao leitor. Abaixo, algumas perguntas transcritas e respondidas pelo professor Marcelo.

CCX – Professor Marcelo, qual a sua visão hoje do NEM implementado aqui no CEMEB?

MDL – Então, eu sou um pouco entusiasta de novidades, não sou daquelas pessoas pessimistas que acreditam que acabou o mundo, até porque quando eu entrei na Secretaria, estávamos vivendo o momento de implantação da semestralidade. A escola que eu cheguei estava vivendo um clima muito ruim. Professores falando que estávamos vivendo o sucateamento da educação, que a semestralidade veio para acabar com tudo, que não daria certo... No final do ano estavam todos com outro pensamento. Caramba..., por que não fizemos isso antes? É incrível essa forma de trabalho.

CCX – Quais problemas você poderia elencar sobre a vivência com o NEM na sua escola?

MDL – Para mim, o déficit maior acontece no início do ano letivo. Eles (os estudantes) entram somente com a Formação Geral Básica (FGB) já escolhida, já definida. As eletivas primeiramente dependem dos professores escolherem quais eletivas que eles vão desejar desenvolver. Segundo, da escola se organizar para começar a oferta das eletivas... Terceiro: os professores acessarem os estudantes para informarem o que eles vão ofertar em cada eletiva por eles propostas e o que será abordado nestas eletivas. O caos se estabelece, pois estamos no início de março e as disciplinas ainda não iniciaram. Neste momento estamos com oito turmas sem aula, pois os professores estão expondo as eletivas para outras turmas. Uma das falhas que a meu ver está na organização do NEM, sendo definido no final do ano anterior ou no máximo na semana pedagógica do início do ano letivo a definição das eletivas que serão ofertadas no ano letivo. Este tempo de organização, planejamento, efetiva oferta das eletivas para os estudantes escolherem no primeiro momento e já iniciarem as aulas.

CCX - O que poderia ser melhorado durante este período de implantação e início do NEM?

MDL - Outra questão que é bem pontual e precisa ser repensada e principalmente melhor estruturada quanto ao NEM é a possibilidade do estudante cursar eletivas em outra Unidade Escolar Técnica (UET). A UET que tiver cadastrado na SEEDF os cursos possíveis de ser aceitos como eletivas, os estudantes poderiam acessar e se matricular lá. Entretanto, as agendas não estão alinhadas, já que o estudante pode escolher cursar eletivas em uma escola técnica próxima a sua residência. Entretanto, as matrículas nas Escolas Técnicas já encerraram e as eletivas na nossa escola ainda estão sendo apresentadas aos estudantes, ou seja, os estudantes não conseguem mais fazer matrícula nas outras escolas; eles ficam somente com as ofertas locais impossibilitados de acessar a proposta integral do NEM, ficando essa só no papel e não na oferta prática aos estudantes.

CCX - Como você visualiza o futuro do NEM?

MDL - Acredito que por mais alguns anos vamos continuar trabalhando com alguns furos e erros, visando aprender e almejar a melhor forma de trabalho e atendimento e oferta do NEM. Aqui na escola estamos com dois atendimentos distintos: 1º e 2º anos do EM estão com atendimento no NEM e o 3º está com o EM Regular. Coordenar todo esse universo não é fácil... agenda de professores, salas de aula, coordenação...

CCX - Algum gargalo ou grande questão a ser melhorada nesta fase de implantação do NEM?

MDL - A ferramenta ou instrumento de registro das aulas e conteúdos é outro gargalo existente na vivência do NEM nas Unidades Escolares. Ainda não se tem um instrumento efetivo de registro da atividade educacional, o antigo diário de classe. Até o momento tem-se utilizado um sistema computacional que não compreende e não responde à demanda da estrutura do NEM nas unidades escolares. Há um desconforto na utilização desta ferramenta, gerando desgaste nas relações humanas e profissionais no cotidiano escolar.

CCX - Qual a sua avaliação sobre o NEM enquanto professor de Arte?

MDL - Eu acho que é uma ideia boa. Eu gosto que exista um sistema de ensino onde a formação geral básica privilegia os conteúdos que estão descritos na base (BNCC) e as eletivas e o projeto de vida, as trilhas de aprendizagem estão desprendidas dessa visão conteudista. Neste momento, pra mim, faltam informações e recursos. A gente carece muito de informação de como se executa-se isso. Uma vez que a escola tem autonomia para pegar o que tem como referência e aplicar como conseguir, assim vivemos o que estamos vivendo aqui, passando pelas dificuldades, começou, mas não começou..., vai, mas não vai..., tem uma eletiva pensada e escrita, mas a escola não possui recursos para efetivamente executar as eletivas pensadas e estruturadas, pois não temos os materiais e os recursos previstos para a realização plena da aula. O material da aula tem que ser providenciado pela escola e não pelo docente. Na escola privada eu posso montar uma eletiva de videomaker, pois todos os estudantes terão acesso a um tablet, mas aqui eu não consigo, é uma escola pública e não tenho esse recurso. Mais uma vez cai na conta do docente a demanda de uma boa aula sem o recurso necessário.

CCX - Todos os professores receberam treinamento para atuarem no contexto do NEM?

MDL - É alto o número de professores temporários presentes nas unidades escolares do Distrito Federal. Como eles só recebem a partir de carga horária trabalhada diretamente com os estudantes, as aulas eletivas destes professores serão somente preparadas e ofertadas a partir da entrada destes professores na sala de aula. Ou seja, mais um gargalo para a oferta de eletivas para os estudantes. As eletivas são ofertadas a partir do catálogo de eletivas disponibilizado pela SEEDF. Entretanto, há possibilidade de ofertar uma eletiva que não esteja listada no catálogo, necessitando assim que o docente promova a construção e escrita da mesma, além de providenciar os materiais necessários à vivência da eletiva. Temos que lembrar que os professores temporários não participam da semana pedagógica que acontece no início do ano letivo. Ou seja, eles não participaram do início do planejamento e pensamento do que será executado.

CCX - Pode me contar um pouco sobre o papel do docente que assume a disciplina Projeto de Vida?

MDL - O docente que assumir a disciplina Projeto de Vida tem que ter feito o curso da formação continuada ofertado pela SEEDF e tem um livro específico de quem deseja atuar nesta disciplina. Entretanto, as turmas ofertadas pela SEEDF tem um quantitativo de vagas inferior ao universo de docentes que desejam assumir estas disciplinas nas escolas que atendem o NEM. Acredito que com o passar dos anos é para o Projeto de Vida ir se encaminhando para a reafirmação social, o que essa pessoa quer fazer? O que ela está plantando agora?, Onde ela vai chegar com isso?, O que essas relações agregam a ela, essa convivência com os colegas?, Por que vir para cá, para a escola, todos os dias?

A SEEDF disponibiliza materiais relacionados ao NEM na internet. Os catálogos citados nas conversas com os professores entrevistados estão disponíveis no endereço <https://www.educacao.df.gov.br/novo-ensino-medio/> onde é possível conhecer o catálogo de disciplinas eletivas, informações sobre a legislação vigente. O currículo do Novo Ensino Médio está disponível no endereço <https://www.educacao.df.gov.br/pedagogico-curriculo-em-movimento/>. Desejo que este texto seja um item provocador a diálogos, pensamentos e futuras conversas sobre nossa prática profissional. Abraço e continue a leitura deste veículo tão importante para nós arte/educadores brasileiros.

Marcelo D´Lucas – Licenciado em Artes Cênicas pela Faculdade Dulcina de Moraes, professor efetivo da SEEDF desde 2013. Coordena um grupo de teatro de estudantes do Ensino Médio, desde 2021.

R. A. – Licenciada em Artes Visuais, Mestre em Arte, professora efetiva da SEEDF.

“Diálogos FAEB e InSEA/América Latina” POLÍTICAS E CONTEXTOS DA ARTE/EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Por Francione Oliveira Carvalho



Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora – MG – Brasil. Pós-Doutorado no departamento de História da Universidade de São Paulo. Diretor de Relações Internacionais da FAEB (Gestão 2022-2023).

“Diálogos FAEB e InSEA/América Latina” POLÍTICAS E CONTEXTOS DA ARTE/EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Por Francione Oliveira Carvalho

Entre os dias 27 de fevereiro a 1 de março de 2023, a Diretoria de Relações Internacionais da Gestão FAEB/2022-2023 promoveu o evento on-line “Diálogos FAEB”. Essa primeira edição foi construída em parceria com a InSEA/América Latina a partir da Conselheira Regional Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, por isso, foi intitulada de *“Diálogos FAEB e InSEA/América Latina”*, e teve como tema *Políticas e Contextos da Arte/Educação na América Latina*.

Essa iniciativa visa aproximar a FAEB e as/os arte-educadoras/es do Brasil das discussões relacionadas a arte-educação internacional. Identificando similaridades, diferenças e a possibilidade de fortalecer vínculos entre profissionais de diferentes contextos e experiências. Nas três noites do evento pudemos conhecer e ouvir interessantes profissionais do Brasil, da Colômbia e do Peru. Em todas as edições o público participou ativamente dos diálogos, expressando ideias, e propondo questões ao debate.

Abaixo algumas falas que marcaram a primeira edição do evento, que está disponível no Canal do Youtube da FAEB. As falas na íntegra revelam questões e apontamentos importantes que devem ser ouvidos e debatidos.

No mês de maio teremos a 2º edição dos “Diálogos FAEB”. Nos vemos lá!

MESA 1 -“A FAEB e a InSEA/América Latina na luta pela Arte/Educação”

Convidado/Convidada: Juliano Casimiro (UFT/FAEB) e Lucia Lombardi (UFSCAR/InSEA)



Juliano Casimiro

A FAEB é um conjunto de históricos de lutas políticas, encontros e afetos, que faz dela a federação que é. Primeira entidade civil dessa natureza, como a única que congrega as diferentes linguagens. É importante dizer que a FAEB não é um sindicato, isso é uma confusão que às vezes acontece, e que a gente precisa sempre explicitar na conversa. A FAEB é uma federação, ela não tem uma instância jurídica que dê conta de algumas questões que a gente gostaria que fosse possível. Mas mesmo assim a gente tem muitas manifestações públicas em relação a editais, concursos, a legislação que não é cumprida em diversos contextos. Essa diferenciação em ser um sindicato e ser uma associação é importante que esteja clara para as pessoas”

A Reforma do Ensino Médio certamente não é uma questão de revisão, e sim de revogação. Na FAEB nós já caminhamos nesse sentido na Comissão de Legislação. Como também a necessidade de oficializar a arte/educação como profissão. Não é uma profissão e um termo que conta no catálogo de forma oficial”.



Lucia Lombardi

“A InSEA é uma associação que tem o nome em inglês, que é traduzida para o espanhol e o português como Sociedade Internacional de Educação pela Arte. Essa sociedade tem como objetivo incentivar o avanço de uma educação criativa por meio da arte, também pelo artesanato. Em todos os países do mundo procura fazer pesquisas, práxis e discussões sobre educação e arte e promover o diálogo internacional por meio de publicação de periódicos, livros, documentos, conferências, congressos. O Conselho Mundial é feito por eleição, eu fui eleita na última e meu mandato vai até o final de 2023. São conselheiros divididos em 6 regiões mundiais: Ásia, África e Orienta Médio, Europa, América Latina, América do Norte, Sudeste Asiático e Pacífico”.

“Desde que começou a BNCC, e a Reforma do Ensino Médio iniciaram muitas discussões e análises críticas sobre a arte na educação que nos ajudam a compreender muitos retrocessos. A BNCC já estava indicada na LDB como a construção de uma política de centralização curricular que viria reformar todos os problemas, entretanto, ela não está fazendo isso, ao contrário, são muitas decisões equivocadas. É uma legislação prescritiva, que homogeneiza. É um projeto de nação construído em valores neoliberais”.

MESA 2 - “A arte no currículo escolar: ataques e resistência”

Convidada/Convidado: Ángela María Chaverra Brand (Universidad de Antioquia / Corporación Artística Imagineros / Colectivo Artístico El cuerpo habla - Colombia) e Maddox Cleber (Universidade Estadual de Maringá - UEM Brasil)



Ángela María Chaverra Brand

Sobre a organização escolar na Colômbia temos uma lei geral de educação e uma lei geral de cultura que são a base para a promoção da arte na escola. Há uma grande produção acadêmica de professores e artistas que visam pensar essas relações, que se dedicam em seus doutorados em Educação a refletir sobre a arte nas diversas séries escolares. Pois ainda prevalece nas escolas uma Educação Artística muito instrumentalizada. É importante que os estudantes compreendam que a arte não é apenas um fazer isolado, mas um fazer baseado na reflexão e na construção de sentidos”.



Maddox

“A arte na educação é sempre uma luta. Tanto o Brasil como outros países da América Latina, como a Colômbia, o Peru, a Argentina está à mercê de políticas que vem de negociações muito complexas com o Banco Mundial. Quando se colocam políticas econômicas que estabelecem um tipo de currículo universal, a gente começa a perder espaço em áreas que são mais críticas, como é o caso da disciplina de Arte”.

No Novo Ensino Médio a disciplina de Arte é alocada dentro da área de Linguagens, não para ter sua independência, mas para ser um pilar de sustentação da língua portuguesa. É um pilar que pode ser tirado ou trocado a qualquer momento. A BNCC deixa uma lacuna, e isso já está sendo percebido por professores de diversos estados do Brasil. Esse ano no Paraná o governo retirou a disciplina de Arte do 9º ano do Ensino Fundamental. Isso provocou um movimento muito intenso de professores para que a disciplina permanecesse. O governo tirou a disciplina de Arte para inserir Pensamento Computacional. Ou seja, tirou uma disciplina obrigatória na LDB para inserir outra que não está na legislação. O governo diz às escolas que se elas não quiserem, não precisariam ter a disciplina de Arte. Jogou a decisão para as escolas. Aí vira uma briga entre professores de arte para justificar e defender novamente a disciplina de Arte no currículo”.

MESA 3 – A Formação de Professores de Arte na América Latina

Convidada/Convidado: Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva (UDESC) e Mario Mogrovejo Dominguez (Escuela Nacional de Bellas Artes del Peru / InSEA)



Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

“Embora tenhamos as carreiras separadas nas diversas licenciatura em Arte, na escola, devido ao processo de desqualificação do ensino de arte há um conflito muito grande em relação às especificidades das linguagens. O Brasil ainda vive o fenômeno da polivalência que se inicia na década de 1970, no início da disciplina, na LDB n. 5692, que não está resolvido até hoje. Inclusive a própria BNCC coloca esse problema quando ela propõe essa articulação das linguagens. Isso mostra que as Artes não são prioridade no currículo, caso fosse, teríamos muito mais espaço. Há um projeto político neoliberal que restringe a arte na escola”.

Temos dois programas no Brasil que podem ajudar tanto na formação acadêmica quanto na aproximação da universidade com a escola pública, que são o Programa de Residência Pedagógica e o Programa PIBID. Ambos os programas têm um professor supervisor, o professor tutor na escola ganha uma bolsa para atender os estudantes, ele recebe um número x de residentes. Esses estudantes convivem com a rotina das escolas, aprendem a lidar com o conhecimento escolar. Eu acredito na potência desses dois programas”.



Mario Mogrovejo Dominguez

“Há no Peru uma discussão antiga sobre o termo Educação Artística, que é usado no Peru, em relação ao termo Arte/Educação que é usado na Argentina, no Uruguai e no Brasil. Há alguns anos o Ministério de Educação renovou o nome do curso para Arte e Cultura. Porém, algumas escolas ainda denominam a disciplina como Educação Artística tal como ocorre na carreira universitária. Há um problema grave ainda no Peru, que é a não contratação de professores formados na área. Ou seja, falta diálogo entre o Ministério da Educação, a Universidade e a Escola”.

Para acessar:

MESA 1: <https://www.youtube.com/watch?v=2Gcmhg63PYA&t=1208s>

MESA 2: <https://www.youtube.com/watch?v=tiX3zKjbKxo&t=2386s>

MESA 3: <https://www.youtube.com/watch?v=kECRnq2iE7w&t=1616s>

Diálogos FAEB e InSEA/América Latina
 POLÍTICAS E CONTEXTOS DA ARTE/EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Datas: 27 de fevereiro a 1 de março, das 20h às 21h30
 Hora: das 20h00 às 21h30 (Brasil) 🇧🇷
 18h00 a 19h30 (Peru y Colômbia) 🇵🇪 🇨🇴

27/02/2023



MESA 1 – “A FAEB e a InSEA/América Latina na luta pela Arte/Educação”
 Mediação: Francione Oliveira Carvalho (UF3F/FAEB)

Transmissão pelo canal da FAEB
<https://www.youtube.com/@faebfederacaoarte-educa044>



Diálogos FAEB e InSEA/América Latina
 POLÍTICAS E CONTEXTOS DA ARTE/EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Datas: 27 de fevereiro a 1 de março, das 20h às 21h30
 Hora: das 20h00 às 21h30 (Brasil) 🇧🇷
 18h00 a 19h30 (Peru y Colômbia) 🇵🇪 🇨🇴

28/02/2023



MESA 2 – “A arte no currículo escolar: ataques e resistência”
 Mediação: Francione Oliveira Carvalho (UF3F/FAEB)

Transmissão pelo canal da FAEB
<https://www.youtube.com/@faebfederacaoarte-educa044>



Diálogos FAEB e InSEA/América Latina
 POLÍTICAS E CONTEXTOS DA ARTE/EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Datas: 27 de fevereiro a 1 de março, das 20h às 21h30
 Hora: das 20h00 às 21h30 (Brasil) 🇧🇷
 18h00 a 19h30 (Peru y Colômbia) 🇵🇪 🇨🇴

01/03/2023



MESA 3 – “A Formação de Professores de Arte na América Latina”
 Mediação: Francione Oliveira Carvalho (UF3F/FAEB)

Transmissão pelo canal da FAEB
<https://www.youtube.com/@faebfederacaoarte-educa044>



Homenagem



Fabiana Lima Souto Vidal

Encontros e afetos

por Veronica Devens



Encontros e afetos,

Em meio à loucura do XXIII ConFAEB (2013), que aconteceu em Porto de Galinhas e tinha como tema Arte Educação no Pós mundo, tive o prazer de ser apresentada para ela: Fabiana Vidal. Ali foi um breve momento, afinal ela era uma das organizadoras do maior congresso de arte educação do Brasil (que é um grande desafio) e eu já a conhecia “de nome” por intermédio da também companheira Ana Paula Abrahamian.

Em 2014 no XXIV ConFAEB de Ponta Grossa, pude ouvi-la através do seu trabalho “Quando a exposição vai para a sala de aula”, enquanto discutíamos “Arte-Educação Contemporânea: metamorfoses e narrativas do ensinar/aprender” — tema que nos provoca a todo momento em nossas práticas cotidianas.

Assim que a conheci pude perceber como é uma profissional competente, animada, criativa, dedicada e que se empenha em transmitir a arte onde quer que vá, de forma visceral, autêntica e nobre.

Participando nas edições seguintes do ConFAEB fomos nos reencontrando e percebendo como somos contagiadas pelas lutas e diálogos que envolvem a Arte Educação no Brasil.

Inquietas que somos, defender um ensino da arte que contemple suas reais propostas, nos encontramos no Grupo de Pesquisa Arte na pedagogia - GPAP, liderado pela professora Mirian Celeste Martins. Aqui discutimos um lugar do ensino da arte que muito nos provoca, e nos coloca a pensar juntas em estratégias e possibilidades.

Todo esse engajamento e preocupação com o ensino da arte fez com que Fabiana se tornasse membro da Diretoria da Federação de Arte Educadores do Brasil (FAEB) por - até o momento - três mandatos. Atuou na 12ª Diretoria (2013/2014) assumindo a Diretoria Financeira, na 13ª Diretoria (2015/2016) integrando o Conselho Fiscal da Federação e na 14ª Diretoria, do biênio 2017/2018, que tinha a professora Leda Guimarães como Presidente. Ali tive o prazer de atuar com Fabiana que, naquele momento, respondia pela Diretoria de Articulação Política.

Falávamos por e-mail, skype ou chat. Dialogávamos sobre as tantas nuances que envolvem o Ensino da Arte, das muitas vozes que perpassam por todos os cantos do nosso Brasil e das lutas e defesas perante toda a *comunidade faebiana*.

Fabiana é engajada não só nessas associações, mas também em outros espaços em que representa e defende a Arte Educação. Autora de muitas escritas que, a partir de sua vivência e muitas leituras, contribuem para podermos transformar nossa história que muitas vezes se encontra às margens de ideias que não contemplam nossas lutas.

Sou de Vitória e acompanho seu trabalho de longe via redes sociais, trabalhos apresentados em eventos, conversas entre uma conferência e outra, nos cafés que partilhamos e, apesar da distância física, não a perco de vista porque admiro sua afetividade e envolvimento com a Arte que contagia todos.

Escrevo para Fabiana, companheira especial e incrivelmente generosa, com muita timidez. Contudo, vi que poderia falar dessa nossa parceira trazendo as rimas do seu querido nordeste:

Para a faebiana, Fabiana

*Olá faebianos
Uma história eu vou contar
É de uma professora de Arte
que vive a encantar
e que traz em sua trajetória
o prazer de ensinar.*

*Lá no belo Recife
Em um colégio popular
a professora motiva os alunos
a arte de experienciar
entre uma prática e outra
eles aprendem a se expressar.*

*A Arte Educação
É uma luta constante
estuda, aprofunda, defende
É uma verdadeira militante
estamos sempre a ouvi-la
porque também é palestrante.*

*Passei pelo seu lattes
e sua preocupação é latente
Tem um olhar caleidoscópico
Pela prática docente
pois tem na arte na pedagogia
uma paixão crescente.*

*Para organizar eventos
ela é danada!
para festivais, seminários e confaebs
Ela é sempre convidada
porque sabe organizar
e é bem articulada.*

*Participa de muitas bancas
sua contribuição é um diálogo vigorado
com ela é sempre uma alegria
Ser aprovado no tcc, mestrado ou doutorado
Pois suas dicas são potentes
com certeza, um ótimo aprendizado*

*Os mais diversos temas
foram orientados por Fabiana
ela é assim ousada, determinada
como em sua prática cotidiana
fala de Arte, docência e afetos
é uma perfeita Freiriana.*

*Tem muitas outras participações:
Produções, prêmios e projetos
Mas para esses convido vocês
A olharem o lattes de perto
terá que ter um tempinho
para ver tudo ao certo.*

*Em meio a tudo isso
uma coisa posso provar..
É Mulher de voz doce e sorriso largo
todos irão concordar
e com a sua amizade
todos podem contar!*

*Mãe atenta e parceira
A Duda tem sorte na vida
para sempre levará
os ensinamentos dessa mãe precavida
e até nos blocos de Olinda
lá estão elas curtindo a vida!*

*Crosfiteira arretada,
a gente combina também nessa modalidade
entre um dip, um truster e um sit up
tem também muita habilidade!
Torço para um dia podermos
estarmos juntas em um wod de verdade.*

*Nesse breve escrito
Deixo todo o meu carinho
a uma professora de arte
que conheci no meu caminho
o universo certamente
contribuiu com esse alinhô!*

Veronica Devens
Verão, 2023

Escrita para Fabiana

por Marcus Flávio



Para este texto que se pretende homenagem, farei uso das palavras em destaque, logo abaixo, para falar da seriedade e compromisso da professora, mas também da leveza e peraltices. As palavras me inspiram a sentirpensar Fabiana Vidal — amigairmã que tanto respeito, admiro e amo.

Não sei exatamente o dia, o mês e o ano.

Lembro, sim, o momento em que a vi pela primeira vez, lembro a ocasião, o contexto: eu estava na **SALA DOS PROFESSORES** durante o **RECREIO** de uma manhã qualquer no final do ano letivo, em uma escola da rede particular da cidade do Recife.

O burburinho característico de uma sala de professores em horário de recreio foi interrompido pela entrada da diretora da escola, que apresentou Fabiana como professora de Artes que estava conhecendo a instituição naquele momento. Após um quase bom dia coletivo dado por todos que ali estavam, entendemos, tacitamente, que se tratava da futura professora de Artes Visuais que assumiria as turmas do Ensino Fundamental II no próximo ano letivo. E assim foi.

A partir daí, Fabiana integra a equipe dos professores e professoras do campo da Arte e começo a conviver não só com uma colega de trabalho, mas também com a Fabiana mãe de Maria Eduarda, aluna novata em minha sala de aula. O cotidiano escolar acabou por proporcionar um convívio intenso — das escolhas político-estético-éticas dos projetos desenvolvidos com os estudantes em comum, passando pelas demandas pedagógicas sempre urgentes, ao cafezinho partilhado nos recreios diários. Assim fomos nos conhecendo, e as afinidades emergiram naturalmente entre nós, dois librianos natos, com gosto pelos estudos e compartilhamento de ideias, reflexões, inquietações, elocubrações, sonhos e desejos.

A proximidade de nossas salas de aula intensificou o convívio que se esparramou para além dos muros daquela instituição educacional e nos levou, juntos, ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (Cap-UFPE), onde trabalhamos há 13 anos.

No CAP-UFPE, veio a oportunidade de ter Fabiana como coordenadora pedagógica, chefe de área e integrante de diversas comissões. Vi de perto sua dedicação, empenho, seriedade e compromisso com os estudantes, famílias e colegas. Sua defesa pelo Ensino da Arte é admirável, seja na lida diária do chão da escola ou em outras instâncias políticas, como a Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB), onde chegou a compor o quadro da diretoria no ano de 2013 e, atualmente, integra a Rede de Representantes FAEB/PE. Companheira das aulas de campo e outras invencionices pedagógicas, Fabiana tem sido uma presença necessária nas discussões sobre currículo, a exemplo da defesa (e por que não dizer luta?) que levantamos para termos a linguagem da Dança no Colégio. Não foi uma batalha fácil, sabemos disso. Hoje celebramos um belo traçado que o Ensino da Dança tem construído no cotidiano da escola. Fabiana tem sido parceira na dinamicidade dos movimentos até agora vividos.

Com mestrado e doutorado em Educação pela UFPE, Fabiana tem se debruçado sobre a formação de professores na sua interface com o campo da Arte e orientado, brilhantemente, dissertações pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPE/UFPB). Ainda conduz, como editora-chefe, a Revista Cadernos de Estudo e Pesquisa em Educação Básica do CAP-UFPE e lidera o Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação (GPECAE), juntamente com Ana Paula Abrahamian, outra parceira e amiga querida.

Cada vez mais me convenço de que Fabiana está em consonância com o que ela mesma diz em sua tese de doutoramento, defendida em 2016: *"sempre em busca de desafios, procurando outras maneiras para entender o campo em que atuo, a Arte/Educação de modo mais específico, para melhorar minha própria prática, para entendê-la de forma mais ampliada e aproximá-la cada vez mais da minha própria vida e da vida dos(as) estudantes"*. É fato que essa busca de Fabiana se estende para o restante da vida, extrapola o campo do trabalho e se materializa no social, nas ações urgentes em defesa de uma existência digna e justa para todas as pessoas.

Por fim, não poderia deixar de lembrar as peraltices e gestos de afeto que nos fazemos mutuamente, como: os sustos ao entrar em sua sala de aula sem que ela percebesse; as embalagens descartadas em sua bolsa no momento de desatenção; as "roubadas" nas viagens que fizemos juntos; as opiniões solicitadas, altas horas da noite, para um texto a ser entregue no outro dia pela manhã; os "fios desencapados" que compõem nossas conversas sem fim; as risadas inoportunas dadas em concurso público; os vinhos e drinks tomados sob o pretexto de um simples café; os prints de tela ou memes enviados pelo aplicativo de mensagem sem nada a dizer, dizendo tudo; as surpresas gastronômicas enviadas durante o tempo mais difícil da pandemia da COVID-19; os afagos despretensiosos no meio de um dia agitado; os muitos colos e choros...; as alegrias carnavalescas; mas, sobretudo, as muitas formas de CELEBRAR a oportunidade do ENCONTRO.

Amigairmã Fabiana Vidal, obrigado por tudo e por tanto. Sigamos juntos.

FAEB INFORMA

The image features a large, stylized red logo consisting of the letters 'a' and 'e' intertwined. The 'a' is on the left and the 'e' is on the right, both rendered in a bold, cursive-like font. This logo is positioned over a teal-colored rectangular background that has rounded corners on its top-left side. The overall design is clean and modern.

Lançamento de Livro



**ANA MAE
BARBOSA**



**ANNELISE
NANI**



**VANESSA
RAQUEL**

**TRADUTORAS:
JUREMA SAMPAIO
GEISA PELISSARI
BEATRIZ CORREA**

**SESC - CENTRO DE PESQUISA E
FORMAÇÃO
RUA DR. PLÍNIO BARRETO, 285
4º ANDAR - BELA VISTA**

18H

**LANÇAMENTO DO LIVRO:
CRIATIVIDADE COLETIVA**

**RODA DE CONVERSA COM
AS AUTORAS**

24 - ABR



CHAMADA PÚBLICA

MEC abre consulta pública para reestruturar o Novo Ensino Médio



Ministério da Educação
foto da internet.

"Os próximos passos devem ser as realizações de audiências públicas, oficinas de trabalho, seminários e pesquisas nacionais", conforme matéria publicada, na REVISTA CARTA CAPITAL, por André Lucena, em 09 de março de 2023.

Esse é um tema que interessa a todas as pessoas da área de educação, aqui convidamos arte/educadoras e educadores a realizar a leitura, na íntegra sobre esse chamado do Ministério da Educação.

A leitura pode ser realizada pelo seguinte link:

<https://www.cartacapital.com.br/educacao/mec-abre-consulta-publica-para-reestruturar-o-novo-ensino-medio/>

Biblioteca Arão Paranaguá



um registro do dia da
Inauguração da
Biblioteca

O Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão fez uma bela homenagem ao professor Arão Paranaguá. A cch.ufma_oficial fez um vídeo mostrando a inauguração da biblioteca que recebeu o nome do profº Arão, este referido vídeo foi publicado no Instagram do Centro de Ciências Humanas. Parabenizamos o professor Arão por essa merecida homenagem. Os(as) faebianos(as) que queiram assistir o vídeo de inauguração da Bibliotena Arão Paranaguá segue o link do Instagram de cch.ufma_oficia:

<https://www.instagram.com/reel/CpQVwSUDop7/?igshid=OWEyOTRmYTI%3D>

AGENDA

A large, stylized red logo consisting of the letters 'a' and 'e' intertwined. The 'a' is on the left and the 'e' is on the right, both rendered in a bold, cursive-like font. The logo is set against a solid orange rectangular background that has rounded corners on the right side.

Vem aí a XXXII edição do
ConFAEB, programe-se!

FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL

XXXII ConFAEB
XXXII CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL & X CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE/EDUCADORES

Ê ALUMIÔ, TODA TERRA E MAR:
Territórios da Arte na Educação Contemporânea

11 a 15 NOV
São Luis/Ma

FaEB
FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL

AMAE
ASSOCIAÇÃO MARANHENSE DE ARTE/EDUCADORES

UFMA
Universidade Federal do Maranhão

INSTITUTO FEDERAL Maranhão

iema
ESCOLA DE CINEMA



I CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEATRO DO AMAZONAS

O I CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEATRO DO AMAZONAS: pedagogias, saberes e decolonidades, é um evento inédito no contexto do Amazonas, visando emancipar a produção científica, com atenção singular a outros saberes e a sua função decolonial

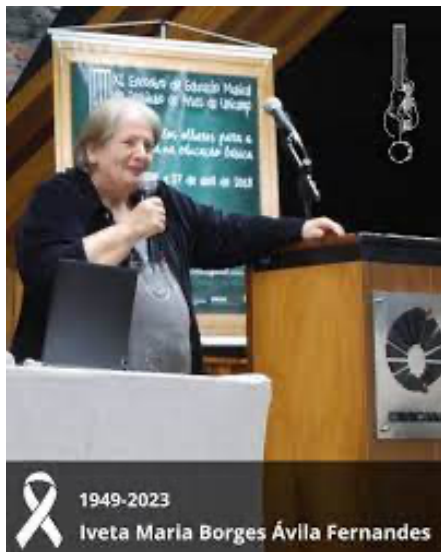
O Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas comemora treze anos em 2023, convocando a necessidade de demarcar um espaço para debater pedagogias do Teatro e observar outras experiências possíveis. Por isso, o congresso se organiza em rede com vários outros centros de referência nacional e internacional para pautar o Estado no cenário da produção intelectual em arte. A programação consistirá em mesas temáticas, palestras, comunicações orais, apresentações de trabalhos, lançamento de livros, painéis, espetáculos e, principalmente, o intercâmbio cultural e de experiências que ampliam as condições de pensarmos o teatro produzido no Amazonas em diálogo com as potências internacionais. Ao longo dos treze anos desde sua criação, o Curso de Teatro da UEA vem constantemente se reavaliando e dialogando com discentes, docentes, egressos e comunidade acerca da importância de uma qualificação do profissional em artes da cena fundamentada na ética e próxima da realidade e dos desafios do mercado de trabalho na área tanto na região Amazônica, quanto no restante do país. Dentro desses pressupostos, o Congresso visa enraizar sua importância acadêmica, política e cultural na formação dos artistas na Amazônia através da programação com participação de convidados dialogando com demandas afirmativas da sociedade como diversidade, raça, gênero e sexualidade como política contumaz na afirmação e participação universal da sociedade com o espaço e produção acadêmica de um Estado.

MAIS INFORMAÇÕES: <https://www.even3.com.br/cita/>

Não podemos finalizar essa edição sem antes realizar uma homenagem...

A stylized logo consisting of the letters 'a' and 'e' in a red, cursive font. The 'a' is on the left and the 'e' is on the right, overlapping slightly. The logo is set against a black rectangular background.

Trecho de uma canção para tentar dizer de Iveta Borges e Rocío Polania (CLEA-Colômbia)...homenagem da FAEB para estas duas importantes arte/educadoras que nos deixaram recentemente



*(...) Gracias a la vida, que
me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me
ha dado el llanto
Así yo distingo dicha de
quebranto
Los dos materiales que
forman mi canto
Y el canto de ustedes que
es el mismo canto
Y el canto de todos que es
mi propio canto*

*Gracias a la vida,
Mercedes Sosa*

ae

FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL